

A HOMOFOBIA NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO PROJOVEM URBANO

AUTOR: Josean Silvano Barros
Universidade Federal da Paraíba
jeancavn@yahoo.com.br

COAUTORA: Samara Fernandes de Barros
Universidade Estadual da Paraíba
samarabarros7@hotmail.com

Resumo: Ao longo dos tempos a sociedade tem assumido posturas conservadoras com relação à homossexualidade, ao tornar invisível, calar e tentar desconsiderar a existência do desejo homossexual, a diversidade sexual. Os homossexuais que não se encaixam nesses perfis acabam sofrendo preconceitos passíveis de serem ridicularizadas, desprezadas, vítimas de violências e ódio o qual é chamada de homofobia. A sociedade enquadra as pessoas em categorias nas funções do que considera comum e natural para um grupo social, uma faixa etária, um status social. Com isso as preconceções do que construímos sobre esses grupos são então transformadas em expectativas e normas e esperamos que as pessoas se comportassem de acordo com elas. Sendo assim, as preocupações com a temática surgiram da experiência profissional na educação e das observações propiciadas pelo trabalho em sala de aula, onde percebemos que os/as professores/as não estão preparados para lidar com as diferenças identitárias, assim como os alunos/as não são preparados para conviver com as diferenças (no nosso caso, no sentido de gênero). Nessa expectativa o objetivo geral da presente pesquisa é Analisar o olhar docente dos professores do Projovem Urbano da cidade de Gurinhém-PB frente à homofobia na escola. Além de identificar possíveis expressões, sutis ou não, preconceituosas por parte dos/as adolescentes diante do outro indivíduo; Identificar as intervenções através dos temas transversais que promovem equidade e respeito na escola. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com aplicação de um questionário aos professores/as de escola pública.

Palavras-chave: Homofobia, Formação de Professores/as, políticas educativas.

Introdução

Ao longo dos tempos a sociedade tem assumido posturas conservadoras com relação à homossexualidade, ao tornar invisível, calar e tentar desconsiderar a existência do desejo homossexual, a diversidade sexual. Em contrapartida, alguns movimentos buscam diminuir as disparidades existentes na esfera dos direitos, entre os heterossexuais e os grupos homossexuais, a fim de garantir seus direitos enquanto cidadãos. Para Marques (2008), o cenário mundial, na atualidade, está permeado por questões em que a dialética inclusão/exclusão se apresenta claramente, pois, nas palavras do autor, até então estas questões.

Segundo Borrilo (2010, p. 13), “a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou

anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado à distância, fora do universo comum dos humanos”.

Neste contexto, o preconceito apresenta-se como fenômeno único, com diversas manifestações, tais como racial, sexual, religiosa e étnica. Acarretando consequências graves como a própria Homofobia, pois em alguns casos chegando até a morte do próximo.

[...] afetavam apenas alguns grupos ou pessoas, em espaços geograficamente delimitados, caracterizando as mais variadas práticas de exclusão social. Deficientes, loucos, delinquentes, **homossexuais**, idosos são exemplos concretos deste fenômeno, cotidianamente expostos, inclusive, às mais variadas formas de violência física e simbólica, numa rede extremamente eficaz de vigilância e de punição daqueles ditos desviantes”. (MARQUES, 2008, p. 11).

A sociedade enquadra as pessoas em categorias nas funções do que considera comum e natural para um grupo social, uma faixa etária, um status social. Com isso as concepções do que construímos sobre esses grupos são então transformadas em expectativas e normas e esperamos que as pessoas se comportassem de acordo com elas. Neste sentido, a presente pesquisa teve um caráter qualitativo e foi baseada em levantamentos bibliográfico-documental com análises de textos para uma fundamentação teórica da temática a fim de propiciar reflexões diante de um assunto específico. (GODOY, 1995). O objetivo geral da presente pesquisa é Analisar o olhar docente dos professores do Projovem Urbano da cidade de Gurinhém-PB frente à homofobia na escola. Elegeram-se como objetivos específicos, identificar possíveis expressões, sutis ou não, preconceituosas por parte dos (as) adolescentes diante do outro indivíduo; Identificar as intervenções através dos temas transversais que promovem equidade e respeito na escola.

Vale lembrar que as respostas dos/as professores/as respondentes do questionário como exemplo, para os comentários e inferências, estas foram identificadas pelos “códigos” professora (1), professora (2) e professor (3) para as respostas dos questionários do curso da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, uma forma de preservar a identidade dos/as professores/as respondentes (esta observação foi repassada no próprio questionário).

Abordar o tema homossexualidade nas escolas, assumindo práticas discursivas, os/as professores/as podem estar contribuindo para a formação de pessoas críticas, reflexivas que enxerguem o outro com respeito. Não se trata apenas de palestras, de cartazes pregados nos murais, mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a

sexualidade possam ser discutidas com respeito e igualdade. Neste contexto, os professores/as precisam estar preparados/as para transmitirem informações não apenas sobre sexo, mas de valores, atitudes e comportamentos. Sendo assim, alunos e alunas homossexuais possam sintam-se presentes, visíveis, participantes da vida escolar. De acordo com Louro (2001, p.27) no âmbito escolar a "produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade" que em muitos casos expressa homofobia.

Metodologia

Segundo Godoy (1995) a pesquisa qualitativa leva em consideração as questões sociais por propiciar reflexões diante de um assunto específico. Assim, o ambiente natural torna-se fonte direta de dados e o pesquisador o instrumento fundamental. Neste sentido, esta pesquisa, em desenvolvimento, tem um caráter qualitativo por focar uma questão social, o olhar docente frente à homofobia no olhar docente dos professores do Projovem Urbano da cidade Gurinhém- PB, e ao mesmo tempo, por levar em consideração o modo pelo qual os professores/as entendem esta temática, a partir de um questionário aberto.

Dessa maneira, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico-documental com análises de textos para uma fundamentação teórica da temática, posteriormente foi realizado um trabalho de campo, com a realização de entrevistas semi- estruturadas, e a aplicação de questionários com professores/as há fim de colher o maior número possível de dados para auxiliarem na disciplina do curso da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Para coletar os dados utilizamos um questionário com três dos quais foi entregue para cada professor/a no dia 16/06/2015. Foi estipulada uma hora de duração para realização do questionário. Foi escolhido um recorte de três (03) professores/as do Projovem Urbano da Paraíba na escola Serafina Ribeiro, da cidade de Gurinhém-PB, sendo um professor de Inglês, um professor de Língua portuguesa, uma Professora de Qualificação Profissional. Neste sentido, a pesquisa, em desenvolvimento, tem um teor qualitativo por focar uma questão social, a homofobia no olhar docente dos professores do Projovem Urbano de Gurinhém-PB, e, ao mesmo tempo, por levar em consideração o modo pelo qual os professores/as entendem esta temática, a partir de um questionário aberto. Para realização do questionário foram realizados os seguintes questionamentos: O que você entende por homofobia? Você trabalha a diversidade sexual em sala de aula? Se um aluno ou aluna sofresse homofobia por parte de outros alunos/as, você interveria? Se sim, como? Quando indagados/as questões sobre o que

você entende por homofobia, Todos/as os professores/as descreveram a homofobia como repulsa as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo; aversão a pessoas não enquadradas no padrão heterossexual.

Resultados e Discussões

De acordo com Borges e Mayer (2008), a educação sexual deveria estar presente em nossas escolas há anos, pois a mesma ao longo do tempo vem sofrendo duras críticas e sendo considerada como um conteúdo inapropriado para ser trabalhado em sala de aula, conforme o trecho seguinte em que as autoras esclarecem que a educação sexual já deveria ser trabalhada em nossas escolas: “(...) desde a década de 1920, a lei brasileira prevê a educação sexual na escola. Entretanto houve muita resistência para sua implementação, especialmente por setores vinculados à igreja católica”. (BORGES E MEYER, 2008, p.61,).

Mediante as respostas dos professores/as foi possível perceber que os professores/as entendem que a homofobia é um tema presente que precisa ser discutido em sala de aula, no entanto, alguns professores/as ou a escola tem dificuldades de abordar essa temática, pois ainda existe pressões por parte das famílias em se trabalhar temas polêmicos como esses em salas de aulas, ao mesmo tempo observa uma comodidade por parte dos professores/as, pois desta maneira ele/as acabam por optarem em não trabalhar sobre a sexualidade e homofobia em sala de aula.

A homofobia no Brasil recebe um reforço cultural que é a desvalorização de tudo que é feminino ou coisa de mulher. Os homens que se aproximam de um comportamento socialmente identificado como feminino serão fortemente vigiados, discriminados e, certamente, sofrerão vários tipos de penalidades na escola. (BORGES E MAYER 2008, p.66).

De acordo com Borrilo (2010), a homofobia encontra-se muito presente sob a forma de várias atitudes de discriminações, como é afirmado na citação seguinte:

A homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio, como foi o caso na Alemanha Nazista (BORRILLO. 2010 p. 16).

Sendo assim, podemos entender a necessidade de se produzir conhecimento, sobre as mais variadas expressões da sexualidade, sendo de

extrema necessidade que a escola contribua para uma maior aproximação das famílias com essas sexualidades. Com relação à questão número 2, questionamos aos professores/as se eles/as trabalham a diversidade sexual em sala de aula? Foi notória que todos/as os professores/as atentam para que a temática seja trabalhada em sala de aula e reforçam a importância do respeito ao próximo. A professora (1) ressalta que, a escola deve trabalhar as questões de gênero na escola e que tinha consciência que seria preciso que todos os professores/as fossem capazes de respeitar, conviver e observar; que a escola tem esse “dever” de incentivar os caminhos do não ao preconceito. Além disso, existe a dificuldade de enfrentar os preconceitos da sociedade, bem como as pressões por parte das famílias tradicionais.

“É importante às escolas trabalharem temas tão polêmicos como gênero porque vivemos em uma sociedade com uma diversidade de gênero e devemos respeitar essa diversidade”. Professora (1).

Podem-se observar na resposta da professora (2) dificuldades em trabalhar com a sexualidade, tendo em vista as discriminações, pois a professora ressalta a dificuldade em trazer esses temas para as aulas, afirma “que trabalha de forma bem simples, porque ainda acha seus alunos pré-adolescentes”.

“(...) Procuro abordar temas sobre gênero na escola, porque esse tema ainda é tabu em várias famílias e muitos alunos têm dúvidas e procuro esclarecer essas dúvidas que eles trazem de casa.” Professora (2).

“... tenho alunos homossexuais e quando abordo o tema em sala de aula surgem várias dúvidas e questionamentos. Embora alguns tentem levar na brincadeira, mas no final percebem que é um tema bastante complicado e entendem a dura realidade que é o preconceito que alguns de seus colegas sofrem no dia a dia.”

A homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres. Segundo parece, o termo foi utilizado pela primeira vez nos EUA, em 1971; no entanto, ele apareceu nos dicionários de língua francesa somente no final da década de 1990. (Borrilo. 2010, p.13)

Desse modo, conforme as autoras supracitadas, em nossas escolas ainda predominam comportamentos e atitudes discriminatórias vivenciadas diariamente nesses espaços, pois a intolerância tem causado muitos atos de violência. Dessa maneira notamos que atualmente ainda predominam atitudes dessa natureza com certa frequência nesses espaços, atitudes desrespeitosas que já não poderiam existir, pois deveríamos viver em uma sociedade na qual todos tivessem uma educação voltada para a diversidade, pois afinal todos são diferentes.

Na questão de número três que se referia a discriminação sexual por parte de outros alunos/as na sala de aula, você interveria? Se sim, como? O que nos chamou atenção foi que a todos/as professores/as enfatizaram a importância da família com relação à orientação sexual, visto que ela é a fonte principal da formação, inclusive sendo responsável em passar um conhecimento adequado da sexualidade humana.

“Chamaria a atenção do aluno/a para tentar conscientizar os demais alunos/as a não agirem de forma preconceituosa, pois a opção sexual do colega só diz respeito a ele e que devemos respeitar as pessoas independentemente de sua orientação sexual.” Professora (1).

“Procuro esclarecer que todas as pessoas são diferentes e têm direito de escolha. Vivemos em uma sociedade preconceituosa na qual as pessoas se incomodam o que o outro faz ou deixa de fazer. Tento conscientizar os alunos sobre o respeito ao próximo.” Professora (2).

(...) “comportamentos homofóbicos variam desde a violência física da agressão e do assassinato até a violência simbólica, em que alguém considera lícito afirmar que não gostaria de ter um colega ou um aluno homossexual.” (BORGES E MEYER, 2008, p.60).

Percebe-se logo abaixo na fala do professor (3) que o mesmo atenta para a importância no processo de conscientização de seus alunos quanto à existência da diversidade sexual e a importância do respeito mútuo. Nessa situação ele julga ser pertinente e necessária a abertura de espaços para discussões e reflexões sobre a Sexualidade, visando amenizar situações de preconceito e discriminação. Fica evidente a importância de diálogos e discussões pautadas nos direitos do cidadão.

“Sem dúvidas interviria. Como professor devemos trabalhar a diversidade sexual na escola é

bastante complexo. O professor tem que estar preparado para lidar com possíveis atos discriminatórios que possam acontecer em sala de aula. reforçaram que ações inclusivas podem permear o cotidiano da escola, na sala de aula, neste caso, devemos orientar os alunos sobre a diversidade sexual e o respeito ao próximo para que possamos tornar uma sociedade mais igualitária.” Professor (3).

A escola é sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 1999, p. 30).

Nos espaços escolares deparamos com situações de violência envolvendo a diversidade sexual. Para evitar essas práticas discriminatórias, os educadores devem trabalhar a diversidade nas escolas, orientando-os a respeitar a opção sexual de cada um. Devemos pensar em práticas cotidianas, conhecer nossas ferramentas e usá-las como posicionamento crítico. Devemos pensar a educação como prática reflexiva da liberdade, além disso, muitas vezes no cotidiano escolar a homofobia provoca a sensação de que a escola não é lugar para eles, seja com relação a proibição de usar o banheiro e também pelo preconceito pela sua opção sexual.

Conclusões

O ambiente escolar, assim como os diversos tipos de comunidades existentes, é feito de pessoas diferentes, com culturas diferentes, hábitos e crenças diferentes. Por esta razão, a base para a boa convivência é o respeito. Respeitar as diferenças, reconhecendo os valores distintos e aprender a conviver com essa diferença é o que falta para que a escola se torne um espaço de todos e para todos.

O preconceito e a discriminação em relação à diversidade sexual ainda fazem parte do cotidiano escolar, e estes professores estão em busca de novos olhares e pensares sobre a homossexualidade. Neste sentido, a escola como um todo tem um papel fundamental para que

esses modelos sejam quebrados, visto que é a partir da educação que se pode lutar por uma maior aceitação, pois quando o homossexual for tratado com naturalidade no ambiente educacional as discriminações nesses espaços poderão desaparecer e à mediada que vai produzindo uma educação sem preconceitos tanto alunos/as como todos que frequentam esses espaços vão agir com naturalidade e desta maneira terá uma maior aceitação de todas as relações homossexuais.

Existem fatores externos á escola que dificultam a inclusão desses alunos. Muitos recorrem à prostituição para poder sobreviver e muitos não enxergam as vantagens nas escolas para seus futuros. Além disso, muitas vezes no cotidiano escolar a homofobia provoca a sensação de que a escola não é lugar para eles, seja com relação à proibição de usar o banheiro e também pelo preconceito pela sua opção sexual. A função da escola diante deste cenário de violências e desigualdades sociais e culturais seria possibilitar o acesso aos conhecimentos produzidos historicamente e promover a participação ativa de seus atores neste espaço de democracia.

Acreditamos que toda e qualquer iniciativa no âmbito da escola que objetive construir uma sociedade fraterna e justa é importante, pois independente de ser idoso, pobre, negro, homossexual, as crianças precisam ter educadores preparados a orientá-las a respeitar o outro. Entendendo que partindo desse caminho, o respeito seria uma condição inerente as relações sociais dos indivíduos. O ambiente escolar é o lugar da mudança, a partir dele se constroem cidadãos que nos seus ambientes sociais vão rompendo desigualdades porque foram tratados com igualdade. Nessa perspectiva, professores, diretores, etc. devem se preparar com cursos de formações para que eles possam trabalhar a igualdade de gênero como um passo de avanço na sociedade.

Referências

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito / Daniel Borrillo; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BORGES, Zulmira Newlands e MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. 2008, vol.16, n.58, pp. 59-76. ISSN 1809-4465. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010440362008000100005&lng=pt

[&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09/082017.](#)

BORGES, Zulmira Newlands; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; OHLWEILER, Mariane Inês e BULSING, Muriel. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). Educ. rev. [online]. 2011, n.39, pp. 21-38. IS. Disponível em: [GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010440602011000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 12/09/2017.</p></div><div data-bbox=)

LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Pedagogias da sexualidade. In (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARQUES, Luciana Pacheco; MARQUES, Carlos Alberto, (org.). (Re)significando o Outro. Juiz de Fora: Ed. OFJF, 2008.

.